

BOM DIA CAMARADA E O OUTRO PÉ DA SEREIA: MEMÓRIAS EM TRÂNSITO

Maria Carolina Falcão DUARTE

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

falcaoduarte@gmail.com

Resumo: A produção literária africana atual tem apresentado obras que trazem a memória como elemento crucial na construção do indivíduo, da comunidade ou da nação e que, portanto, estabelecem uma discussão sobre a formação de um continente atravessado por duros processos políticos e sociais. Neste trabalho, propõe-se refletir sobre duas obras de autores africanos: Mia Couto, de Moçambique, e Ondjaki, de Angola. Cada um à sua forma, esses autores examinam e observam quais foram estes processos e sua repercussão na construção da identidade tanto do continente como dos indivíduos africanos. Segundo Le Goff (2003), a história só pode reconstruir, nunca reviver e por isso se aproxima imensamente da ficção. Os dois romances aqui estudados trazem uma literatura que transita entre o real e o ficcional, entre a história e a memória. Tanto *Bom dia Camaradas*, de Ondjaki, como *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, são ficções que costuram retalhos de história oficial, que misturam gêneros narrativos, diálogos, relatos e lembranças sem muita precisão, como se fossem reflexos do prisma da realidade. As obras discutem o hiato presente no homem que observa o seu tempo e o curso da sua história e procura entender qual o sentido da sua existência.

Palavras-chave: Literatura africana; memória; Mia Couto; Ondjaki.

Não há grande texto artístico que não tenha sido gerado no interior de uma dialética de lembrança pura e memória social; de fantasia criadora e visão ideológica da História; de percepção singular das coisas e cadências estilísticas herdadas no trato com pessoas e livros.

A. Bosi

Ao traçarmos um panorama da produção literária africana em língua portuguesa na atualidade, percebemos muitas obras que lidam com o universo da memória e que acabam por refletir sobre a formação de um continente atravessado por duros processos políticos e sociais. Segundo o sociólogo Le Goff (2003) a história só pode reconstruir, nunca reviver e por isso se aproxima imensamente da ficção. Parecem caminhar nesse sentido duas obras de dois importantes autores africanos: Mia Couto, de Moçambique, e Ondjaki, de Angola.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre como cada um desses autores observa, examina e cria a partir dos dados concretos de um passado distante. Assim como a memória, individual ou coletiva, é atravessada pelo espaço, pela época, pela língua, pelos hábitos culturais de quem lembra, a escrita literária também está profundamente ligada a estes aspectos. Assim, neste artigo tentaremos explorar como se dão os cruzamentos entre literatura, memória e história de forma que possamos identificar: em que medida a relação de um passado distante com o presente é relevante para a construção do texto literário; como um debate acerca das diversas questões históricas atuais, latentes ou não, em África pode ser levantado pela literatura; e como as obras analisadas contribuem para reformular e renovar o olhar sobre este passado.

A literatura, como forma de expressão artística que é, pode delinear traços de uma cultura, colocando a realidade como um prisma multifacetado e trazendo à tona olhares diferenciados. O texto literário transparece as formas de ver o mundo que surgem a partir de um imaginário coletivo e pode desvelar o olhar dos excluídos, olhares que são marginalizados em uma dada realidade, mas que aqui ganham espaço. A realidade factual, tão presente em ambos os romances que aqui serão estudados, não é delimitadora de um olhar, não vem com o peso da verdade escrita nos livros de história, ao contrário, aparece como um atravessamento no universo subjetivo dos personagens que a sentem e a modificam pela linguagem. Inevitavelmente o fazem pela memória, relembando e rememorando os fatos e transformando-os. Dessa forma, para entender as obras analisadas será fundamental investigar como acontecem os processos de memória.

Para o entendimento da memória vamos aqui recorrer inicialmente à Sociologia fenomenológica de Halbwachs (1990). Segundo esse autor, a memória se dá no entrelaçamento entre o indivíduo e a coletividade, de forma que a memória de cada sujeito depende do seu relacionamento com os grupos de referência dos quais faz parte. Se de um lado os indivíduos constroem a memória coletiva, do outro, a memória coletiva reside em cada indivíduo, de tal maneira que não podemos delimitar exatamente a fronteira entre o que é particular e o que é comum.

Pollak (1992) afirma junto com Halbwachs (1990) a relação entre memória e identidade social, no contexto específico da história oral. Para o primeiro, a memória é um processo seletivo, que não registra ou grava tudo que acontece, mas seleciona os fatos a partir de vários elementos que circunscrevem o ato de lembrar o ocorrido, elementos esses de ordem social, cultural, política, econômica e subjetiva. Outro aspecto fundamental observado pelo autor, é que a

memória também sofre alterações no momento em que é narrada. Assim, a memória, longe de ser uma mera reprodução ou transcrição de um fato, é um “processo construído” que envolve tanto aquilo que se apreende da realidade, quanto a narrativa daquilo que ocorreu.

Se tomarmos as ideias de Halbwachs e Pollak como ponto de partida, poderemos ver no relato da memória um texto ficcional em potencial, já que o lembrado nunca será exatamente igual ao ocorrido, haverá sempre uma série de elementos inseridos na narração pelo sujeito e pelos que o cercam. O texto ficcional em si também é uma construção, explora a falha inerente da linguagem, qual seja: as palavras e as coisas não se tocam com perfeição, a escrita dista de seu objeto, atua na impossibilidade de dizer aquilo que quer ser dito. Nesse ponto, memória e literatura se encontram, ambas trazem uma possibilidade de significação para além do texto referencial. Como diz Pollak, a flutuação da memória não é em si um erro, mas uma evidência dos laços de determinado sujeito.

No romance de Ondjaki, *Bom dia camaradas* (2006), um narrador que não se localiza em um tempo-espaço objetivo, lembra histórias de sua infância. Nessa narrativa, o narrador mostra como funciona a estrutura política e social de Angola, em contraste com outras realidades que o circundavam. O romance traz um discurso pueril, mas carregado de críticas e questionamentos. A memória aqui aparece a partir da perspectiva de apenas um personagem, mas a narrativa traz em seu corpo diversos olhares sobre uma realidade.

Em *O Outro pé da Sereia* (2006), de Mia Couto, temos duas narrativas que se situam em tempos e espaços diferentes e que se cruzam no decorrer do romance. O primeiro narra a história de uma mulher que anseia pelo reencontro com sua família de origem, após mudar com seu marido para uma vila distante. A segunda narrativa diz sobre um navio de colonizadores portugueses que viaja pela costa africana.

A primeira narrativa apresenta a memória como um fenômeno da atualidade que influencia o sujeito que lembra e que é essencial para este entender sua função no tempo-espaço presente. O outro plano narrativo remonta um trecho da história colonial africana a partir do diário de um padre português. A partir do cruzamento das duas narrativas podemos discutir a relação entre memória coletiva e memória individual, e como essas contribuem para a formação da história convencionalizada como oficial.

Em ambas as obras há o confronto entre história e memória. Segundo Pierre Nora (1984) a memória, sendo um fenômeno presente, é vida, ou seja, ela está ligada ao mutável, ao

movimento, à indeterminação. O processo de memória é modificador, neste sentido, por estar de acordo com os atuais interesses e com o contexto ao qual está inserido aquele que lembra. Nora insiste em dizer que a memória é, por natureza, múltipla, coletiva e plural. A história, pelo contrário, ocupa, segundo o autor, o lugar da reconstrução problemática e incompleta daquilo que não é mais. A história tenta fixar fatos ocorridos de uma maneira objetiva e crítica, tornando-se, dessa forma, artificial. Cada participante de um acontecimento o percebe por uma perspectiva singular, cada um traz uma carga de sentimentos, conhecimentos e impressões que dizem respeito a um único indivíduo, do que ele é e de quais são seus valores.

A História Oficial não traz para seu discurso os vários ângulos de um acontecimento, mas convencionou uma versão dos fatos como verdade única, sendo adotada, na maioria das vezes, a versão do grupo dominante, o que contribuiu para o empobrecimento cultural dos grupos sociais. Pesquisadores como Pollak e Halbwachs buscam outras formas de investigar os fatos históricos. Com o objetivo de entender a história em sua manifestação múltipla, Pollak, por exemplo, se debruça sobre os relatos orais de épocas e fatos historicamente relevantes. Este mesmo autor chama atenção para a importância da literatura nessa linha de pesquisa histórica. Ao trazer um fato histórico como pano de fundo ou mesmo como tema central da criação, a literatura se apresenta como uma forma de perceber a história de maneira extra-oficial. Um romance, ou mesmo um poema, modifica a versão oficial dos acontecimentos no percurso da história, pelo envolvimento das personagens fictícias e pela subversão das regras da linguagem cotidiana. E mais, ainda que a literatura não faça referências claras e objetivas a um momento histórico, não podemos ignorar que ela está inserida na história e que é uma resposta ao momento em que foi produzida.

Outro exemplo de olhar diferenciado sobre a história seria a forma como é feito o resgate da memória nas tradicionais tribos africanas onde há uma forte ligação com as práticas orais; nesses espaços o caráter plural do processo é naturalmente aceito. Nessa África, a história da tribo é composta por várias histórias que são contadas pelos mais velhos aos mais jovens. Essas histórias se modificam de acordo com o narrador que conta, pois cada um tem uma forma de contar diferente, com o momento do contar e com o público que escuta. Essa tradição africana não considera uma história oficial e assume os vários olhares de um fato.

Bom dia camaradas nos traz esse tipo de “estória” de que fala a tradição africana. O narrador conta suas aventuras, sentimentos e sensações sem aparentemente se preocupar em

passar algum ensinamento ou mostrar uma verdade, apresentando, dessa forma, um testemunho ficcionalizado. O livro de Ondjaki traz a História Oficial pelo olhar de um narrador que lembra sua infância. Na narração dos acontecimentos, hábitos culturais e posicionamentos ideológicos vão tecendo esta perspectiva específica sobre a história de Angola. Ao remontar o passado vivido com poesia e simplicidade, o narrador modifica a realidade com romantismo e nostalgia. Instaura-se, dessa forma, um tempo-espço do narrar que pode ser visto como um modificador da memória.

Segundo Pollak, a análise de um relato de memória deve considerar três fatores modificadores da realidade passada. Em primeiro lugar, o relato pode ser modificador por ser expressão de um olhar específico sobre uma situação, ou seja, cada participante envolvido terá uma perspectiva e, conseqüentemente, uma versão do fato. Em segundo lugar, deve-se considerar a distância de tempo que separa o momento da elaboração do relato da memória e o momento do acontecimento rememorado. Em terceiro lugar, devem ser analisados os motivos que levam o sujeito a lembrar de determinado fato e os objetivos que o levam a elaborar o relato da memória. Observar como esses fatores influenciam o relato pode revelar elementos que auxiliam o entendimento do sujeito presente e passado, bem como do fato rememorado.

No romance de Ondjaki não temos como delimitar a distância entre os fatos passados e o momento do relato da memória, nem mesmo temos claros quais são os objetivos dessa narrativa, portanto vamos analisar aqui como o narrador remonta seu passado a partir de um jogo de perspectivas. Considerando o primeiro fator modificador apontado por Pollak, observamos como o fio narrativo de *Bom dia camarada* passa inúmeras vezes por conflitos que tem origem na crise política de Angola nos anos 60. O narrador, para recuperar esse período crítico de seu país, apresenta em sua narração as opiniões de personagens de diferentes classes e ideologias, permitindo ao leitor uma percepção ampla desse passado de Angola.

Uma das perspectivas destacadas pelo narrador aparece na voz dos professores cubanos que lecionam em sua escola. Estes irão representar um olhar revolucionário sobre as imposições do governo, as atitudes das forças armadas do país, a falta de liberdade de expressão e que irão se manifestar a favor de ações oposicionistas ao governo vigente.

Outro olhar que o narrador destaca é o de um senhor que trabalhava como empregado doméstico na sua casa quando era garoto e que vem representar na narrativa uma perspectiva a favor do colonialismo português. “Camarada Antônio”, o empregado, parece perceber a

inocência do garoto que apresenta interesses políticos, porém ainda sem argumentos consistentes para desenvolver uma opinião própria. Os diálogos com Antônio são permeados por risos e considerações irônicas que ficam incompreendidos pelo garoto.

Ainda observamos destacadas pelo narrador as atitudes da tia que mora em Portugal e que vai visitar a família angolana. Com esta personagem o narrador insere na discussão o olhar do europeu, ilustrado aqui pelas tendências capitalistas, pela displicência e, talvez, pela alienação em relação à crítica situação do país. A tia não teme os guardas que circulam pela cidade angolana, e, diferentemente dos professores cubanos, não tem interesse em combater o regime instaurado.

Para completar este quadro de perspectivas, além dos olhares que o cercavam, o narrador retoma o seu próprio olhar de garoto que observava a situação com perplexidade e inocência. Com a distância temporal entre sua convivência na infância com cada um desses personagens e o momento em que rememora, o narrador tem a possibilidade de entender cada opinião e observar criticamente a situação.

Retomar essa gama de olhares sob a crise política de Angola no processo de escrita de suas memórias instaura uma discussão que envolve a História Oficial sem mostrar um ponto de vista como verdadeiro. A história é contada aqui de forma que se percebe seu entorno e a sua indeterminação. Há um embate ideológico neste romance que discute um período da história política angolana, e é a partir desse embate que o romance se constrói. Ainda que a voz narrativa seja bem delimitada pela figura de um narrador que lembra sua infância, este não se apresenta como dogmático e não deixa clara sua posição frente aos conflitos, mas apenas como um sujeito interessado e preocupado com os rumos políticos de seu país.

O outro pé da sereia, de Mia Couto, também aborda a história oficial de forma subversiva, trazendo várias perspectivas sobre fatos históricos, mas difere em alguns pontos do romance de Ondjaki. Em *O outro pé da sereia*, a narração não é desenvolvida por um personagem que lembra de um tempo passado, temos aqui um narrador onisciente que guia a história por tempos e espaços diversos. O cruzamento das duas histórias – uma no interior do continente africano atual e outra em um navio de colonizadores portugueses – desencadeia uma série de reflexões acerca das relações entre a literatura, memória e história.

A primeira história tem como personagem principal Mwadia. Depois de casar com Zero MadZero, os dois abandonam suas famílias em Vila Longe e mudam-se para um lugar distante e isolado batizado por eles de Antigamente. Mesmo com o passar dos anos, Mwadia não esquece a

família e alimenta lembranças dos tempos passados em Vila Longe. Logo no início da narrativa, Mwadia encontra perto de sua casa uma santa com um dos pés quebrado e um pesado baú. Diante desse fato inesperado, procura o feiticeiro da região que a aconselha levar o baú e a santa para a igreja de Vila Longe. É a partir daí que a narrativa se desenvolve, com a volta de Mwádia para sua vila natal.

A outra narrativa do romance ambienta-se na época da colonização portuguesa na África, em torno do ano de 1500. Os conflitos entre os personagens iniciam-se a partir do momento em que a imagem de uma santa que estava sendo levada no navio cai e tem um dos pés quebrado. Se inicialmente essa história é contada pela transcrição do diário de um padre que registra a sua viagem pelo continente africano, no seu desenrolar os outros personagens, como o escravo, o boticário e a própria santa, passam a ter voz e um narrador passa conduzir a narrativa. A reação de cada um dos personagens vai de acordo com seu sistema de crenças e prenunciam um sincretismo religioso-cultural que será explorado no decorrer da história.

As duas histórias se encontram quando o narrador revela que a santa que Mwádia encontrou é a mesma santa que estava no navio português e que dentro do baú se encontra o diário do padre. Ao resgatar a santa e o baú do isolamento das margens do rio de Antigamente, Mwádia simbolicamente desenterra um passado distante e ao mesmo tempo em que dá vida a este passado permite que ele também modifique seu presente. Ir até Vila Longe para devolver o baú e a santa é voltar para seu passado, para sua família, que assim como a santa e o diário, estavam perdidos no tempo de “antigamente”.

A história passada na época da colonização, em 1500, vai influenciar não só Mwadia, mas todos os habitantes de Vila Longe. A chegada de Mwadia na Vila descreve um lugar abandonado e esquecido, como se seus moradores tivessem morrido ou abandonado suas casas e com o tempo tudo se encheu de pó e teias. Mas a chegada de Mwadia é como um catalisador de memórias, faz ressurgir os antigos moradores e inspira nestes a lembrança de tempos passados.

Ao relacionar dois tempos tão distantes, o romance abre espaço para discutir a relação colonizador-colonizado desde a sua origem até seus atuais desdobramentos. A personagem de Mwadia é responsável por fazer essa ligação temporal – “mwadia” significa “canoa” –, ela irá transitar entre os dois tempos, entre as duas culturas, entre a história e a estória. Ao voltar para Vila Longe, Mwádia volta para seu passado, trazendo consigo uma carga histórica representada pela santa e pelo baú. Segundo Pollak, a memória é um elemento constituinte do sentimento de

unidade, pois ela é fator importante do sentimento de continuidade e coerência. Dessa forma, o entrelaçamento das histórias de Mwádia e do padre ilustra como a colonização portuguesa estará sempre atravessando os processos de memória e conseqüentemente de constituição dos sujeitos africanos.

A memória é discutida no Romance de Mia Couto de várias formas. Ao relacionar a história oficial com personagens fictícias, assim como faz Ondjaki, o instituído passa a ser relativo e a história assume traços de memória coletiva. Mas *O outro pé da sereia*, diferentemente de *Bom dia camaradas*, traz um passado que atravessa gerações e influencia o presente de cada personagem do romance. Mwadia não conheceu o padre que escreveu o diário, mas ele foi definitivo para desencadear o processo de investigação da sua memória. Neste sentido, Mia Couto entra em acordo com o pensamento de Pollak e Halbwachs, a memória é neste romance construída coletivamente no presente. O início da história de Mwádia ilustra como memória e história, quando permanecem no individual e no esquecimento se tornam mortas. “Antigamente”, onde Mwádia mora, é um lugar afastado e isolado, onde não há estímulos para que sua memória se modifique e permaneça viva, nem mesmo para que o baú e a santa, evidências históricas, se tornem parte do presente de seus descendentes distantes.

Outro aspecto da mesma discussão é desencadeado pela chegada de um casal de turistas americanos que buscam conhecer mais sobre suas origens africanas em Vila Longe. Esses personagens vão representar os desdobramentos da diáspora africana deflagrada pelos portugueses no período colonial. Enquanto os americanos nutrem um sentimento de volta ao seio materno, os moradores de Vila Longe, ao contrário, não mantêm nenhum sentimento de irmandade e têm os americanos apenas como turistas que podem auxiliar no desenvolvimento da vila. Com a intenção de explorar economicamente os turistas, os moradores de Vila Longe forçam Mwadia a fingir transe em que encarna um antepassado dos americanos. Mia Couto desvirtua, dessa forma, o estereótipo africano da “perdida mãe África” e mostra como a memória de um povo pode ser manipulada segundo interesses de ordem econômica.

Ao mesmo tempo em que critica o olhar do estrangeiro sobre a África e o olhar do africano sobre o estrangeiro, o autor não perde de vista a ficção. Nos falsos-tranques, Mwadia utiliza os relatos escritos no diário do padre para encenar um teatro que convença os turistas, mas acaba ela mesma convencida de que o fingido tornou-se realidade. Dessa forma se cruzam o jogo da literatura com os processos de memória descritos por Pollak e Halbwachs. O autor entrelaça

fatos da História Oficial às tramas de seus personagens, de forma que recria um passado instituído e movimentada a memória coletiva que envolve as relações entre a África e o mundo.

Neste romance de Mia Couto, a narrativa vai além do contar uma “estória” ao movimentar a discussão sobre as profundas marcas feitas nas culturas africanas desde o período colonial. Observamos aqui a descentralidade e a pluralidade do sujeito moderno pela quantidade de personagens que têm suas vidas entrelaçadas. A complexidade do sujeito fica visível nesse espelhamento entre história e memória, entre aqueles que vivenciaram o processo de colonização e aqueles que são seus descendentes e que sofrem as consequências desse processo. Os personagens desse romance são impermanentes, não são vivos ou mortos, são vivos e mortos; instáveis, incompletos e descontínuos.

Ambos os romances, de Mia Couto e Ondjaki, trazem a palavra literária como modificadora da história oficial. As narrativas não têm o intuito de definir, determinar e demarcar uma tradição ou uma posição ideológica, elas vêm recriar o que está fixado pela história e esquecido pelos indivíduos. Blanchot, em seu livro *O espaço literário* (1987), fala que “as lembranças são necessárias, mas para serem esquecidas, para que nesse esquecimento, no silêncio de uma profunda metamorfose, nasça finalmente uma palavra, a primeira palavra de um verso” (p.83). Essa metamorfose parece acontecer nos romances aqui estudados; os dois trazem à tona assuntos adormecidos pelo tempo e mostram como um passado pode ser modificado pelo fresco olhar do presente.

Assim como Nora contrasta história e memória, apontando a segunda como indefinida e mutável, Blanchot, se refere à palavra literária como uma “palavra experiência”. “Experiência significa, neste ponto: contato com o ser, renovação do eu neste contato – uma prova, mas que permanece indeterminada”. Neste sentido, com esta palavra literária de que fala Blanchot, a palavra experiência, os personagens de Mia Couto e Ondjaki tomam forma e renovam o olhar sobre um passado histórico sem determiná-lo. Os autores propõem para o leitor dos romances uma reconstrução do passado, já que não apresentam documentos históricos, mas ficções que costuram retalhos de história oficial, que misturam gêneros narrativos, diálogos e relatos sem muita precisão.

A literatura que se apresenta para nós nos romances estudados é uma literatura que transita, uma literatura nômade, que se encontra além, que desloca as fronteiras entre o real e o ficcional, entre a história e a memória. Neste espaço literário habita a história instável, que busca

contar histórias, captar os desvios subjetivos da memória pela linguagem, num trabalho essencialmente poético, que direciona a construção de uma obra que fale da condição humana, ainda que esta esteja inevitavelmente atravessada por questões político-sociais.

Alfredo Bosi, em seu texto “A interpretação da obra literária”, retoma Gadamer para dizer que a literatura está intimamente ligada a “memorização”, processo em que a busca infinita do autoconhecimento acolhe e reúne em si as mais diversas imagens do passado. As duas obras aqui estudadas abrem espaço para refletir sobre o hiato presente no homem que observa o seu tempo e o curso da sua história e procura entender qual o sentido da sua existência. O romance de Mia Couto ilustra mais claramente como esse recordar cruza com o ficcional e seu processo de feitura. Em *O outro pé da sereia*, o documental transforma-se em matéria ficcional; o baú e a santa, provas concretas de um acontecimento passado, são o ponto de partida para Mia Couto criar tramas e personagens em tempos e espaços diversos.

De qualquer forma, tanto o romance de Mia Couto, como o de Ondjaki não encerram as questões sobre história e literatura. Os romances trazem em si evidências das interseções entre as duas, chamam o leitor a rever um passado pelo olhar renovador da palavra literária. Como diria Blanchot, a escrita da literatura não vem dizer nem denominar, é “uma pura consumação irradiante que ainda diz quando nada mais há a dizer, que não dá nome ao que é sem nome, mas o acolhe, o invoca, o celebra” (1987, p.159).

Referências bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOSI, Alfredo. “A interpretação da obra literária”. In: *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. p.461-479.

CHAVES, Rita. A geografia da memória na ficção angolana. In: *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. p.77-84.

COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Trad. Irene Ferreira et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.419-476.

NORA, Pirre. 1. La fin de l'histoire-mémoire. In: *Lês Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. p.25-43.

ONDJAKI. *Bom dia camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p.200-215.